

1 Introdução

O vandalismo, segundo Goldstein (1996), é um comportamento de agressão ao espaço físico resultando na desfiguração ou na destruição, implicando custos que vão além daqueles de natureza monetária, mas causando perdas no ordenamento social. Nesse sentido, um dos desafios que se apresentam para um determinado espaço público, denominado escola, é o de superar esses obstáculos, por meio do rompimento de seus muros e de inserção no seu tempo e na comunidade a qual pertence (Atié, 1999).

Pode-se destacar que em ambiente de segregação socioespacial, pode haver uma relação direta entre o vandalismo e escola, pois neste cenário, devido as condições de desigualdades e da formação da população, relativos aos atributos sociais, econômicos e culturais estão os conflitos e os confrontos urbanos (Manfio, 2015).

Ainda no contexto de segregação socioespacial, a inexistência do controle policial, familiar e da comunidade geram oportunidades para o consumo de drogas, utilização de armas e crime organizado (Colombier, Mangel e Perdriault, 1989).

Por outro lado, é possível que um viés, no relacionamento social que ocorre na escola, na família, na comunidade, no trabalho, possa despertar no indivíduo um interesse autocrítico e da sociedade, estabelecendo, assim, segundo Loureiro (2002), um posicionamento e inserção social que permita a construção de valores de respeito e cidadania, ao ressignificar o pertencimento na sociedade.

Neste sentido, pode-se apontar alguns aspectos, como o zelo com o espaço escolar, o comportamento do discente, sua localização residencial e seu pertencimento social (Felippe et al., 2012), em simbiose com as intervenções permeadas na escola, de maneira persistente e sistematizada, como por exemplo, um projeto pedagógico escolar (Silva e Assis, 2018).

Dessa forma, surge a importância de um conselho escolar disposto a fomentar a gestão participativa entre escola e a comunidade, por meio de atividades para suscitar a cultura do respeito mútuo e ao patrimônio público, o que denota ressignificar princípios e valores, permeando maneiras corretas de agir e de repensar o vandalismo (Cunha, 2009).

Para tanto, a questão de pesquisa é compreender a razão pela qual, uma escola situada em região periférica de segregação socioespacial, consegue inibir e mitigar atos de vandalismos, causados pelos discentes?



Com o objetivo de analisar, explorar e descrever de que forma o conselho escolar atua na gestão participativa entre escola e comunidade, utilizou-se o estudo de caso de uma escola localizada na periferia de São Paulo, a Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Hipólito José da Costa, no bairro Jaçanã-Tremembé.

2 Referencial Teórico

2.1 A cidade e a escola

No planejamento das cidades brasileiras, tem-se notado a ausência de critérios para a implantação de equipamentos urbanos, particularmente escolares, bem como análise do entorno, levantamento da capacidade, raio de abrangência, mobilidade e acessibilidade dos discentes e a sustentabilidade (Neves, 2015).

Ao mesmo tempo, Moraes *et. al.* (2008) enfatizam a importância da localização para implantação da escola, planejamento, recursos materiais que serão usados, assim como aspectos de zelo, asseio e proteção, considerando que a escola pertence a algo maior que é a cidade e suas particularidades idiossincráticas (Holanda, 2018).

Segundo, Le Goff (1998), a cidade tem quatro funções: lugar de troca e de diálogo – a cidade se desenvolve; lugar de cobiça – da origem à segurança urbana; lugar de poder – preocupada com a justiça, multiplica as injustiças e os marginalizados; lugar de orgulho – inova em todas as áreas, aspira à beleza, reinventa o urbanismo e cria o imaginário urbano. Além disso, a cidade é resultado da integração social e do desenvolvimento técnico que permite o tratamento dos recursos naturais e das diversas manifestações culturais (Manfio, 2015).

Em sua análise da inclusão e exclusão, Zuluaga (2018) destaca as forças especulativas do poder econômico, surgindo um questionamento provocativo: a cidade é incompatível com a inclusão, ou pode haver um modelo inclusivo, que não leve a um modelo de exclusão? De que qualquer forma é importante estabelecer parâmetros para um projeto e planejamento, entendendo que cada escola, tem seus aspectos e funcionalidades próprias. Elas são importantes para ordenar e validar o espaço urbano e podem, devido às suas relevâncias e particularidades, constituir-se em modelo para os moradores da cidade (Moraes *et. al.*, 2008).

No arcabouço da cidade, há a escola que, segundo Abramovay (2019) deveria ser o local para se construir o conhecimento, um lugar com diversos objetos dos saberes, encontros e descobertas, em que os jovens interagem para novas amizades e encontram pessoas modelos, como por exemplo, no corpo diretivo e docentes. A escola seria um espaço para as experiências



de colaboração, de compartilhamento, de resiliências, em que os jovens vivenciassem situações diversas, para se preparem para a solução de conflitos e problemas de modo assertivo e responsável.

Entretanto, as escolas tornam-se ambientes sociais de desigualdades culminando nas dificuldades de aprendizado, frustração escolar, repetências e desistências. Ademais a escola, em outras vezes, é absolutamente inapropriada para os jovens do nosso tempo: “O Brasil ainda tem uma escola do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI”, afirma o integrante do Conselho Nacional de Educação Mozart Neves Ramos, segundo ele, o currículo educacional desmotiva os jovens, os professores não são bem preparados e a qualidade da formação não corresponde à realidade do mundo.

2.2 Vandalismo escolar e segregação socioespacial

O vandalismo escolar, tem sido um fenômeno de repercussão nas escolas, espaços legítimos de formação que, de modo geral, sentem-se incapazes de lidar com atitudes e comportamentos transgressores (Fontes, 2010). Além disso, caracteriza-se com relação pessoa-ambiente, ocasionando atos de vandalismo como quebra, sujeira, queima e pichações no entorno (Felippe et al., 2012), assim como, no interior, com a desfiguração e destruição de carteiras, cadeiras, portas, fiação, materiais e demais equipamentos, segundo Priotto e Bonetti (2009).

Entretanto, há um entendimento de que o contexto social e escolar, que implica na vitimização dos alunos, possa ser um facilitador do vandalismo, devido ao sentimento geral de insatisfação, da perda afetiva das pessoas em relação ao ambiente e por conseguinte a falta do pertencimento ao local, segundo Benbenishty e Astor (2005), apontado na figura 1,

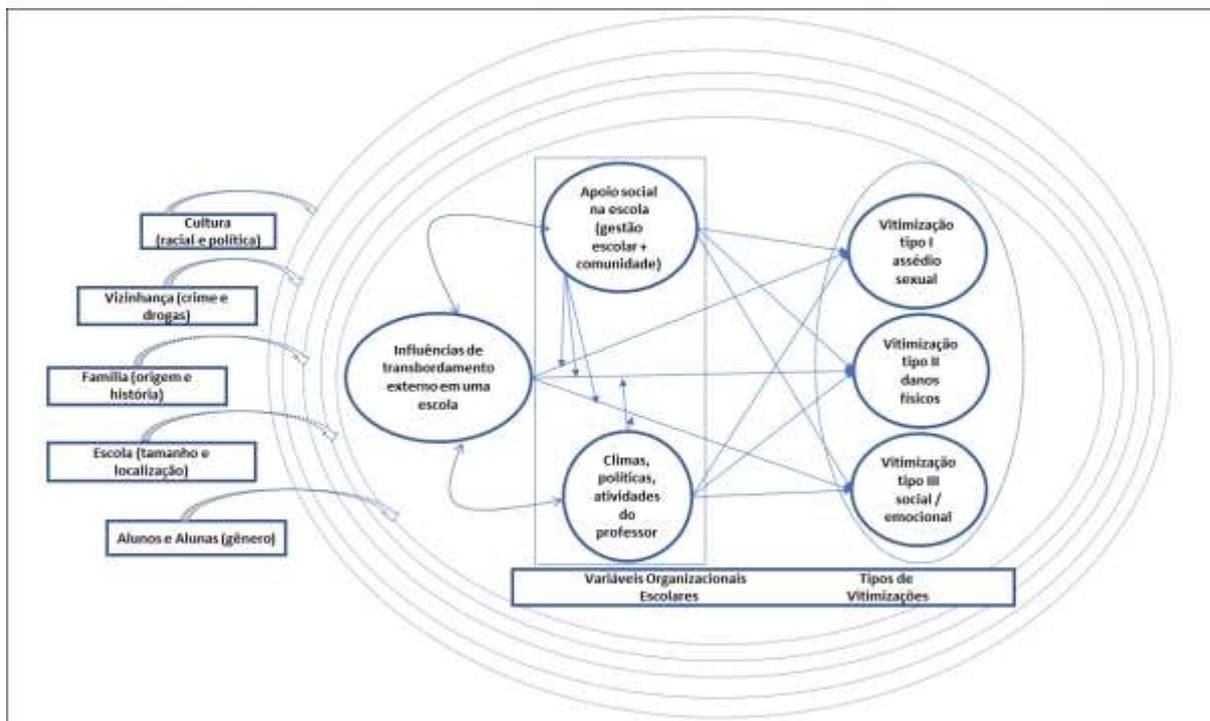


Figura 1: Um modelo de influências sócioecológicas e escolares na vitimização de alunos

Fonte: Benbenishty e Astor: Theoretical Model – página 5, 2005 e adaptado pelo autor

É importante destacar que Benbenishty e Astor (2005) argumentam que é apenas por meio da compreensão dos múltiplos contextos de vandalismo, que programas, intervenções, agendas de pesquisa e políticas verdadeiramente eficazes podem ser implementadas, bem como a atuação do conselho escolar, nos desafios impactados pelas vertentes culturais, crimes e drogas no entorno, participação e acompanhamento familiar, localização e gênero.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma taxa de 10 homicídios para cada 100 mil habitantes é tolerável para a sociedade. Acima disso, a violência pode ser considerada endêmica. Nesse sentido, o Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP) em 2015, realizou um estudo na cidade de São Paulo e identificou a taxa de 9,8 homicídios para cada 100 mil habitantes.

Embora o nível seja tolerável segundo a OMS, a pesquisa da NEV/USP observou em alguns bairros, conforme mostrado no ranking da tabela 1, que apresentam a lista de bairros com níveis intoleráveis de homicídios. Por exemplo, o bairro da Sé tem maior incidência de assassinatos (48 para cada 100 mil habitantes), com 16 homicídios em 2014, já a região do Jaçanã, em que está localizada a escola deste estudo de caso, há uma incidência de 15,1 com o número de 39 homicídios em 2014, ocupando a 11ª posição neste ranking.

Bairros	Taxa a cada 100.000 pessoas	Homicídios em 2014	Varição em relação a 2013
Sé	48,6	16	-19,53%
Brás	23,5	11	-8,5%
Parelheiros	22,6	41	-5,83%
Capão Redondo	21,9	51	7,35%
Campo Limpo	21,9	51	7,35%
Parque do Carmo	18,6	24	58,97%
Parque Novo Mundo	17,3	14	133,78%
Vila Brasilândia	17,1	19	25,73%
Ceagesp	17	9	49,12%
Jardim Herculano	16,4	40	37,27%
Jaçanã	15,1	39	44,73%
Vila Penteadado	13,9	18	-31,18%
Santo Amaro	13,9	10	11,2%
Nossa Senhora do Ó	15	13	36,84%
Vila Maria	12,8	18	100%

Tabela 1: Índice de homicídios em bairros de São Paulo.

Fonte: Exame Abril online em 17 de abril de 2015.

2.3 Medidas para mitigação do vandalismo escolar

Considerando o aumento da criminalidade e descrédito das instituições que deveriam oferecer e cuidar da ordem social e controlar conflitos, a utilização de sistemas de vigilâncias surge para possibilitar proteção pessoal e material (Cubas, 2002). Neste sentido, o projeto City Câmeras da Secretaria Municipal de Segurança Urbana avança, integrando câmeras instaladas em condomínios, fábricas, empresas, hospitais e escolas, capturando, armazenando e transmitindo as imagens para o Comando da Guarda Civil Metropolitana (CGM) e Central de Controle da Prefeitura, para monitoramento e vigilância da cidade.

Entretanto, tais ações não são suficientes. Faz-se necessário comprometimento e criação de um espaço para as famílias, discentes e docentes - um conselho escolar, com gestão participativa entre escola e comunidade (Nascimento, 2007).

Neste sentido, o conselho escolar, de acordo com Soares Neto e Feitosa (2018), é um órgão colegiado formado por docentes, funcionários, pais e alunos, com objetivo administrativo,



financeiro e político-pedagógico para, de forma participativa, atuar na relação entre escola e comunidade.

Segundo Cunha (2009), o conselho escolar proporciona a aproximação da família, vizinhança e corpo diretivo, nas discussões e debates dos problemas percebidos de segurança, sendo assim capaz de inibir e mitigar atos de vandalismo.

Ainda, Gonçalves e Sposito (2002) acrescentam a importância de interações da escola com seus atores, aproximando a escola à comunidade. Vasconcelos (2017) complementa, destacando que esta aproximação gera o sentimento de pertencimento, cuidado e responsabilidade, fazendo com que as probabilidades de violência à escola diminuam ou até deixam de existir.

Segundo Paro (2015), a participação conjunta da comunidade na gestão escolar é complexa, razão pela qual um dos requisitos básicos para a direção, coordenação, família e comunidade que se disponham a promovê-la é estarem convencidos da relevância e da necessidade dessa participação. É este convencimento que faz com que gestores admitam as dificuldades e concentrem seus esforços na efetivação de soluções. E, nesse contexto, também, é que a comunidade pode detectar problemas e avançar para debatê-los conquistando espaços de atuação.

3 Metodologia

A pesquisa qualitativa utilizou-se a análise em base documental e exploratória, além da aplicação de entrevistas e observação sistemática (Creswell, 2014 & Minayo, 2011 & Yin, 2005). A Escola Municipal de Ensino Fundamental – EMEF Hipólito José da Costa foi escolhida com o objetivo de observar o entendimento da relação vandalismo e segregação socioespacial. As figuras 2 e 3 indicam sua localização na cidade e no bairro, respectivamente. Atualmente a escola tem 1.600 alunos matriculados, distribuídos em três turnos.

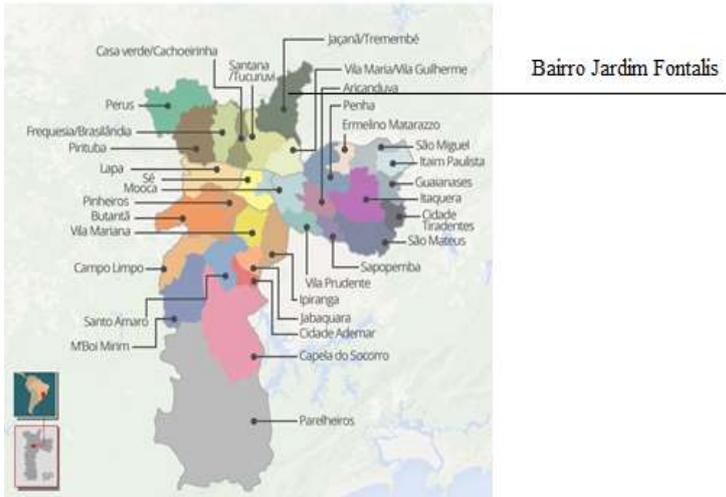


Figura 2: Localização do Bairro Jardim Fontalis, região Jaçanã/Tremembé na cidade de São Paulo.

Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo



Figura 3: Localização e imagem satélite da escola EMEF Hipólito José da Costa no bairro Jardim Fontalis.

Fonte: Google maps

Entrevistas abertas foram aplicadas junto a direção e docentes da EMEF Hipólito José da Costa, para buscar compreender a relação entre vandalismo e segregação socioespacial, a partir da percepção de cada entrevistado (Yin, 2005). Foram elaboradas as seguintes perguntas, para extrair as diferentes visões de cada entrevistado:

- A estrutura de segurança (tais como: muros altos, grades, cerca elétricas, portões de reforço) tem contribuído para mitigar o vandalismo na escola?
- De que forma o conselho escolar tem mitigado e controlado o vandalismo na escola?
- Quais conselhos dariam as escolas que enfrentam vandalismo?

Para a visualização da situação de segurança e de práticas de vandalismo ou não, no entorno e nas áreas internas, realizou-se uma observação sistêmica. Segundo Creswell (2014), a observação sistêmica coloca o pesquisador na condição de observador e permite que esse compreenda o campo e o contexto da pesquisa.

4. Análise dos resultados

De acordo com Bezerra (2011) o surgimento de um bairro se constitui na circunscrição espacial do habitar, da vivência e das múltiplas relações que o permeiam e a avaliação dos processos da vida urbana. Neste sentido, a história da EMEF Hipólito José da Costa confunde-se com a história do bairro Jardim Fontális, conforme descrito no Projeto Político Pedagógico (PPP, 2018), considerando que o bairro é fruto de ocupação irregular de terras e possui crescimento desordenado. A escola surgiu em decorrência de movimentos familiares para criação de creches para o bairro e, posteriormente uma escola, que o Governo Estadual atendeu, juntamente com um posto de saúde e saneamento. O movimento da comunidade contribuiu também para a chegada da energia elétrica e asfalto no bairro.

Nas visitas realizadas na escola, percebeu-se que no entorno mesmo havendo muros elevados e grades para proteção, não haviam pichações, nem outros atos de vandalismo. Observou-se que há incentivo para os discentes, juntamente com os docentes, nas aulas de artes desenvolverem pinturas e desenhos conforme as fotos apresentadas na figura 4.

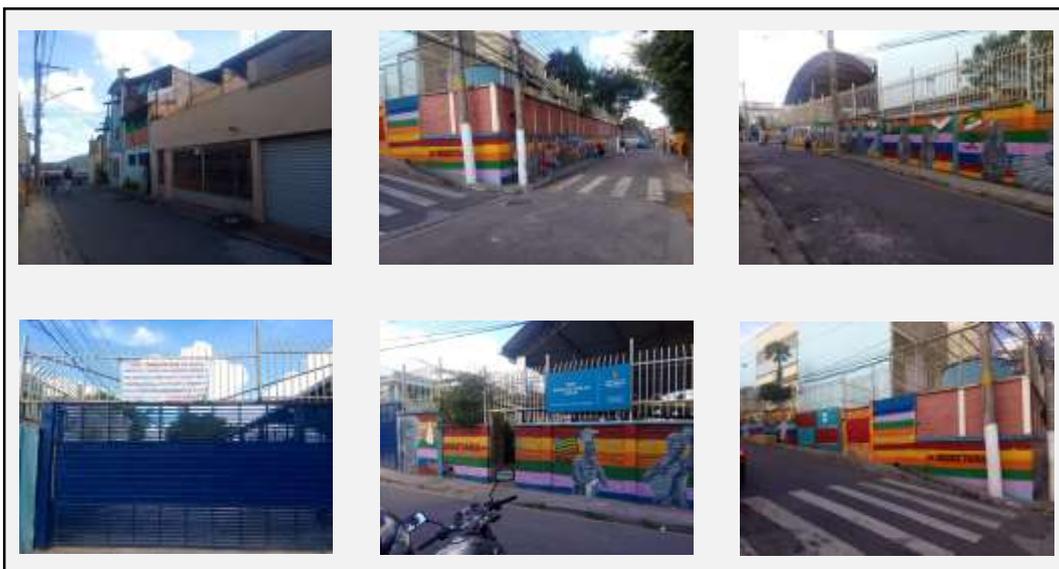


Figura 4: Visão externa e do entorno da escola.

Fonte: Fotos dos autores

Percebeu-se que no ambiente externo e interno, existem portões na entrada principal e outro portão no final do corredor, com proteção gradil. Um outro portão com controle e câmera frontal foi observado para liberação de acesso dos funcionários e alunos, conforme a figura 5.

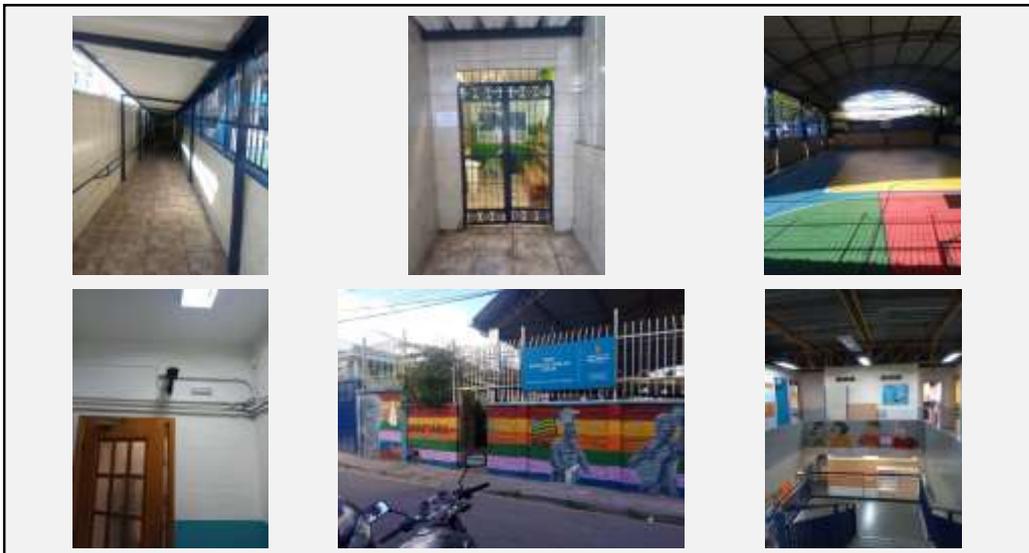


Figura 5: Dispositivos e acessórios de segurança da escola, externa e internamente.

Fonte: Fotos dos autores

No interior da escola observou-se limpeza e manutenção nas instalações de salas de aulas e pátios, diversos sinais para a promoção da autoestima dos alunos, tais como: quadros para artes e disseminação de conhecimento; empréstimos e doações de livros; carteiras, lousas e armários íntegros, conforme figura 6.

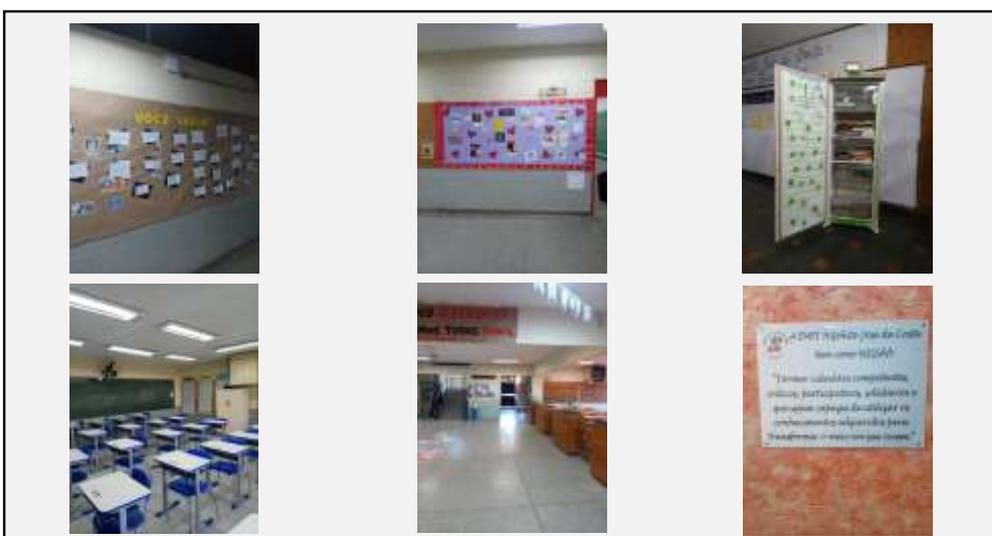


Figura 6: Limpeza e manutenção do ambiente interno e promoção da autoestima.

Fonte: Fotos dos autores

Em entrevistas realizadas com a direção e docentes, foi exposto livremente as opiniões sobre os desafios do conselho escolar, não somente no que se refere a mitigação do vandalismo, mas no papel da escola como espaço de cidadania. A seguir, os comentários dos entrevistados:

A estrutura de segurança (tais como: muros altos, grades, cerca elétricas, portões de reforço) tem contribuído para mitigar o vandalismo na escola?

- *“São necessários e importantes na proteção, principalmente para os de fora, que vem visitar a escola, devido a sequestros de professores ocorridos no passado.”*
- *“Os dispositivos de segurança são importantes para os próprios discentes, que se sentem monitorados para qualquer desvio de conduta: “a câmera pegou...” e os próprios discentes reconhecem o erro”.*
- *“Tem esse lado de saberem que estão sendo filmados e são inibidos a fazerem algo errado.”*
- *“Os alunos estão no centro das discussões para se sentirem pertencentes a escola”.*

De que forma o conselho escolar tem mitigado e controlado o vandalismo na escola?

- *“No começo das atividades escolares percebi que havia uma continuidade na história da escola e, no trabalho de cuidado e zelo pela comunidade escolar e vizinhança comunitária”.*
- *“Há uma ligação muito forte com a escola e o bairro e, por haver uma estrutura firme, que vem da primeira diretora, perpassando até os tempos atuais”.*
- *“Reforço a importância do zelo dos discentes pela infraestrutura da escola”.*
- *“Os alunos estão no centro das discussões para se sentirem pertencentes a escola”.*

Quais conselhos dariam para as escolas que sofrem o vandalismo escolar?

- *“Mesmo que o entorno seja preocupante deve-se conhecer e se envolver com a comunidade para sentir segurança. Além disso, a escola é um local de zelo e está aberta nos finais de semanas”.*
- *“Há uma necessidade de legitimar a importância do papel da escola na formação de discentes comprometidos com o cuidado, manutenção e zelo pelo patrimônio escolar”.*
- *“O espaço de recreação nos finais de semana para a ser algo motivador para a manutenção da escola”.*
- *“Um aluno novo que estava riscando a carteira foi corrigido, pelo amiguinho para não fazer, pois a mulher da limpeza iria reclamar”.*
- *“Preparamos o aluno para ficar e não para partir... e sair quando queira”.*



No levantamento de campo observou-se a presença da Guarda Civil Metropolitana (GCM). Constatou-se que a mesma faz parte de um programa da Prefeitura Municipal para a segurança pública e dos equipamentos públicos urbanos. A EMEF Hipólito José da Costa tem feito uso deste programa para proteção interna e do entorno, de segunda a sexta-feira, das 7 às 15 horas. Na análise do Projeto Político Pedagógico (PPP, 2018), há uma descrição sobre a concepção da escola, baseada em Freire (2000): “deve ser construída aos poucos em um espaço de maturidade, que seja democrática em que se pratique a pedagogia da pergunta, em que se ensine e aprenda com seriedade, sem jamais virar sisudez, para que ao se ensinar os conteúdos, se ensine a pensar certo”.

Percebeu-se nas entrevistas realizadas que existe equilíbrio naquilo que se apresenta no PPP e nos comentários dos entrevistados. Constatou-se também que há unanimidade no que se refere a pertencimento à escola.

5. Conclusões / Considerações Finais

A pesquisa identificou o papel do conselho escolar na gestão participativa, para reconhecerem a escola, inserida na cidade e em seu espaço, com o objetivo conjunto de cuidarem das situações de vandalismo escolar e das demais demandas educacionais.

Nesse sentido, as ações escolares não devem restringir-se a procedimentos internos pedagógicos, administrados pelo Conselho Escolar, sem maiores interações com a comunidade. E, ademais, se faz essencial o envolvimento dos próprios alunos, pois esses são importantes na congregação socioespacial, ou seja, são o elo entre escola e comunidade.

A escola estudada neste artigo, encontra-se em um contexto participativo e convidativo da vizinhança, nas discussões e decisões educacionais e culturais, além de dar aos alunos a possibilidade de se integrarem na construção da história, na percepção do cuidado e do zelo, para receberem uma formação de qualidade.

Além disso, a escola compreende o seu papel e a sua inserção em um entorno de grande segregação, não somente socioespacial, mas também socioeconômico, trabalhando e integrando seus pares, para a superação dos problemas sociais presentes na realidade educacional do país. Assim, o fortalecimento de redes comunitárias, por meio de um conselho escolar na gestão participativa entre escola e comunidade, podem ser respostas positivas para contribuir na mitigação de atos de vandalismos escolares, com o objetivo de alcançar a valorização de todo o corpo escolar e comunidade, como agentes de transformação de uma sociedade, mais justa e inclusiva.



Finalmente, como recomendação dos resultados obtidos nesta pesquisa, mesmo que a EMEF Hipólito José da Costa tenha suas particularidades e singularidades, deve-se considerar seu papel transformador e revolucionário no espelhamento para outras administrações educacionais públicas (municipal e estadual) ou privadas, pois a escola nada mais é do que um território inserido em contexto público, portanto, o que a pesquisa descobriu foi a forma e a maneira de como é conduzida a gestão democrática na EMEF Hipólito José da Costa, que permite a criação de territórios resilientes, por meio do engajamento e da mobilização da sociedade civil. Se ainda, as outras administrações públicas, adicionarem vetores de liberdade e criatividade para suas atrizes e atores (professoras, professores, alunas e alunos), haverá maiores chances de encontrarem palcos e espaços de conversas, ideias, em que se permita a diversidade e se anule a desigualdade. E, esta é uma “ponta de iceberg” de recomendação que esta pesquisa faz e espera encontrar continuidade, não somente nas escolas públicas e privadas, como também nos órgãos públicos naqueles trabalhos de Planejamento Urbano de Cidades, que já caminham para se tornarem inteligentes e sustentáveis. Esta recomendação seria uma passagem de bastão de uma corrida de revezamento, sem término, pois toda obra acadêmica está sempre em acabamento e, portanto, construída por várias mãos, corações e mentes.

6. Referências

- Abramovay, M. (2019). Anuário Brasileiro de Segurança Pública do Fórum Brasileiro de Segurança Pública – Edição 2019, 192.
- Atié, L. (1999). Pátio-Revista Pedagógica, Porto Alegre, 3(10), 3.
- Benbenishty, R.; Astor, R. A. (2005). School violence in context: culture, neighborhood, family, school and gender. Oxford University Press.
- Bezerra, J. A. (2011). Como definir um bairro? Uma breve revisão. GEO Temas, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, 1(1), 21-31.
- Colombier, C.; Mangel, G.; Perdriault, M. (1989). A violência na escola. São Paulo, Ed. Summus.
- Creswell, J. W. (2014). Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa, escolhendo entre cinco abordagens – 3ª edição – Editora Penso.
- Cubas, V. O. (2002). A Expansão das Empresas de Segurança Privada em São Paulo. 2002, 175 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.



- Cunha, M. C. (2009). *Gestão Educacional dos Municípios. Entraves e perspectivas*. Recuperado em 16 de agosto de 2019 em <http://books.scielo.org/id/bxgqr/pdf/cunha-9788523209025.pdf>
- Exame online (2016) – Artigo: 20 Bairros de São Paulo com taxas de homicídios intoleráveis, recuperado em 26 de outubro de 2019 em <https://exame.abril.com.br/brasil/20-bairros-de-sao-paulo-com-taxas-de-homicidios-intoleraveis/>
- Felippe, M. L.; Raymundo L. S.; Kuhnen, A. (2012). Frequência autorreportada de vandalismo na escola: questões de gênero, idade escolaridade. *Psico* 43(2), 243-250.
- Fontes, A. M. M. (2010). Vandalismo nas escolas. A crise de autoridade, *Educ. foco*, Juiz de Fora, 15(1), 77-85.
- Goldstein, A. P. (1996). *The psychology of vandalism*. New York: Plenum Press, recuperado em 16 de agosto de 2019 em <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ByfLBgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT14&dq=GOLDSTEIN,+ARNOLD+P.+The+psychology+of+vandalism.+New+York:+Plenum+Press,+1996.&ots=H5sCW74oh&sig=WKePswiz4zM8mLnjmYswFGiRE#v=onepage&q=GOLDSTEIN%20ARNOLD%20P.%20The%20psychology%20of%20vandalism.%20New%20York%3A%20Plenum%20Press%201996.&f=false>
- Gonçalves, L. A. O.; Sposito, M. P. (2002). Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. *Cadernos de pesquisa*, 115, 101-138.
- Holanda, F. (2018). *O Espaço de Exceção* [recurso eletrônico] / Frederico de Holanda; prefácio de Pasquelino Romano Magnavia – Brasília, FRBH, ISBN: 978-85-64222-11-3.
- Le Goff, J. (1998). *Por Amor às Cidades – Conversações com Jean Lebrun*, São Paulo: Editora Unesp.
- Loureiro, C. F. B. (2003). *Cidadania e Meio Ambiente*. Salvador: CRA, 20-70.
- Manfio, V. (2015). A cidade e os equipamentos urbanos: uma análise sobre Nova Palma / RS. ISSN: 2446-6549. *Interespaço Grajaú/MA* – 1(2), 137-151.
- Minayo de Souza Minayo, M. C. (2011). Capítulo 3 Trabalho de Campo: Contexto de observação, interação e descoberta. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*, 61.
- Moraes, A. F.; Goudard, B.; Oliveira, R. (2008). Reflexões sobre a Cidade, seus Equipamentos Urbanos e a Influência destes na Qualidade de Vida da População. *INTERthesis*, 5(2).
- Nascimento, J. M. S. *Conselho Escolar: Os Desafios na Construção de Novas Relações na Escola*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2007. Disponível



em: http://www.uece.br/politicasuece/dmdocuments/jociane_maria_sousa_nascimento%5B1%5D.pdf

Neves, F. H. (2015). Planejamento de Equipamentos Urbanos Comunitários de educação: algumas reflexões. Caderno Metrópole, 17(34), 503-516

Paro, V. H. (2015). Diretor escolar. Educador ou gerente? Recuperado 16 de agosto de 2019. Disponível

em: <https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=wa6ZCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA12&dq=autor+vitor+henrique+paro+escola+viol%C3%Aancia+gest%C3%A3o+democr%C3%A1tica+2005&ots=r8WW5kG2fb&sig=AwQQJNjoOui2x-AF8CljB0y9Res#v=onepage&q&f=false>

Paulin, M. C. (2020). Segregação socioespacial e vandalismo escolar – estudo de caso em uma escola municipal de ensino fundamental. / Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 2020.

Priotto, E. P.; Boneti, L. W. (2009). Violência escolar: na escola, da escola e contra escola. Revista Diálogo Educacional, Curitiba, 9(26), 161-179.

Projeto Político Pedagógico – PPP 2017 e PPP 2018. EMEF Hipólito José da Costa elaborados em 2018 e 2019, respectivamente.

Ramos M. N. (2012). Integrante do Conselho Nacional de Educação. Recuperado em 21 de dezembro de 2019 em: <http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2012/11/brasil-tem-escola-do-seculo-xix-afirma-especialista-em-educacao.html>

Silva, F. R.; Assis, S. G. (2018). Prevenção da violência escolar: uma revisão da literatura Referência: Educ. Pesquisa, São Paulo.

Soares Neto, J.; Feitosa, R. A. (2018). Conselho escolar: visão estratégia na gestão escolar para melhoria do ensino médio. Revista Thema, 15(1).

Vasconcelos, I. C. O. (2017). Aprender a conviver, sem violência: o que dá e não dá certo? Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, 25(9), 897-917.

Yin, R. K. (2015). Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. Bookman Editora.

Zuluaga, J. P. G. (2018). Dialécticas de la Ciudad: Espacio, Seguridad y Diversidad. Universitas Humanistica, 85, 183-209.